

A opereta *A Princesa do Catete* de Euclides Fonseca (1854-1929): histórico e edição de uma obra da *Belle Époque* brasileira

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA, ESTÉTICA MUSICAL E INTERFACES

Melina de Lima Peixoto

Universidade Federal de Minas Gerais – melina.peixoto@gmail.com

Mauro Camilo de Chantal Santos

Universidade Federal de Minas Gerais – maurochantal@gmail.com

Resumo. Embora tenha desenvolvido sólida carreira em Pernambuco entre a segunda metade do século XIX até seu falecimento em 1929, o nome e a obra de Euclides Fonseca permanecem pouco conhecidos por pesquisadores e intérpretes contemporâneos. Maestro, pianista, compositor e empresário, sua obra abrange textos laicos e sacros em formações instrumentais como piano solo, canto e piano, vozes e orquestra e grande orquestra. Inédita até o presente, *A Princesa do Catete* é um dos quatro títulos operísticos de sua produção. Esta comunicação aborda dados sobre pesquisa em andamento que tem como objetivo maior o resgate, a análise e edição de performance dessa opereta, composta durante a *Belle Époque* brasileira, período que abarca os anos de 1871 – 1922.

Palavras-chave. Euclides Fonseca. Opereta brasileira. *A Princesa do Catete*. Edição de performance.

Title. The Operetta *A Princesa do Catete* [The Princess of Catete] by Euclides Fonseca (1854-1929): History and Edition of a Music Work of the Brazilian Belle Époque

Abstract. Despite having a successful career in Pernambuco, between the second half of the 19th century and his death in 1929, Euclides Fonseca's name remains little known by contemporary researchers and performers. Conductor, pianist, composer and entrepreneur, his work covers secular and sacred texts in instrumentation and ensembles, such as piano solo, voice and piano, voices and orchestra and large orchestra. Unpublished to date, *A Princesa do Catete* [The Princess of Catete] is one of the four operatic titles of his production. This communication encompasses data on ongoing research that has as its main objective the rescue, analysis and performance editing of this operetta, composed during the Brazilian Belle Époque, a period that covers the years 1871 to 1922.

Keywords. Euclides Fonseca. Brazilian Operetta. *A Princesa do Catete*. Performance Editing.

1. Introdução

Indiscutível é o papel frente à musicologia assumido no Brasil das últimas décadas pela academia, em pesquisas que têm contribuído para um melhor entendimento e também uma melhor visualização do mapeamento de nossa produção musical desde o período colonial. Outrossim, autores e obras são apontados em trabalhos de resgate e edição que contemplam criações de todas as regiões do país. Auxiliados por buscas em órgãos governamentais e também por acervos pessoais, nossos pesquisadores nos mostram, aos poucos e constantemente, quão profícua é a produção de música no Brasil.

Provavelmente, o maior volume de obras resgatadas até o momento por meio do trabalho musicológico no Brasil é o que engloba a produção sacra composta, principalmente, nos séculos XVIII e XIX. Sobre esse material, associamos sempre o nome de Francisco Curt Lange (1903-1997), por ter esse musicólogo realizado um trabalho de campo de inegável relevância em Minas Gerais a partir da década de 1940. Paulo Castagna (2018) aponta, a partir de Curt Lange, uma:

(...) geração de musicólogos brasileiros atuante a partir da década de 1940, que incluiu, entre outros, Cleofe Person de Mattos (1913-2002), Jaime Cavalcanti Diniz (1924-1989), José de Almeida Penalva (1924-2002), João Mohana (1925-1995) e Régis Duprat (1930). (CASTAGNA, 2018, p.10)

Em relação à produção de títulos operísticos brasileiros abordados por trabalhos acadêmicos que contemplam em parte uma função musicológica, citamos três pesquisas recentes realizadas na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, que proporcionaram a disponibilização de partituras editadas, acopladas a estudos sobre essas obras, enfocando dados musicais diversos, bem como informações biográficas sobre seus compositores. Em 2010, Alexandre Takahama concluiu tese intitulada *Ópera Sandro de Murillo Furtado: estudo para uma direção musical e seu resgate histórico*. Posteriormente, em 2013 e 2019, os títulos *A Ceia dos Cardeais, poema lírico em 1 ato, ópera de Arthur Iberê de Lemos: resgate histórico através de edição crítica e dados biográficos do compositor* e *Ópera Tiradentes de Manoel Joaquim de Macedo Júnior (1845 - 1925): resgate histórico, análise e edição da partitura* foram defendidos pelos pesquisadores Mauro Chantal e Patrícia Valadão, respectivamente.

Neste contexto, apresentamos a opereta *A Princesa do Catete*, composta por Euclides Fonseca (1854-1929), a partir de texto literário de Carneiro Vilela (1846-1913). Desta maneira, o trabalho proposto pelos autores nesta comunicação é a divulgação do estudo sobre essa opereta, com base no pressuposto de que se trata de uma obra com valores estéticos consideráveis que atesta, como produto artístico, o tempo no qual foi composta, a saber, a *Belle Époque* brasileira, citada por Silva (2016) como um “momento de mudanças nas expectativas da elite e das pessoas comuns, com a abolição da escravatura, a República, a luz elétrica, a abundância de jornais, a invenção do avião, do telégrafo, fotografia, cinema e etc.” (SILVA, 2016, p.33). Euclides Fonseca e sua opereta *A Princesa do Catete* representam, portanto, o desejo dos autores que pretendem cumprir, a partir desta comunicação, esforços que intentam resgatar e divulgar tanto o nome do compositor quanto sua obra.

2. Euclides Fonseca e Carneiro Vilela: uma parceria histórica para o teatro musical brasileiro

Nascido em Recife, no ano de 1854, o compositor Euclides de Aquino Fonseca foi citado por Guilherme de Mello (1947, p.319) como expoente musical da região e por ser o primeiro compositor de óperas de Pernambuco. Para esse autor, ao referir-se ao compositor, o estado lhe “deve uma coroa de louro” já que, “reabilitou as gloriosas tradições musicais” da região (MELLO, 1947, p.341).

Abolicionista, citado quase sempre como Euclides Fonseca, o compositor atuou também como crítico musical, professor¹, fundador da Escola Normal Oficial de Recife e do Centro Musical Pernambucano, pianista e maestro com atuação de destaque no Club Carlos Gomes, sociedade artística amadora atuante no século XIX em Pernambuco. Ainda, conquistou reconhecimento como patrono da cadeira de nº 26 da Academia Brasileira de Música - ABM² e da Academia Pernambucana de Música. Para o musicólogo Jaime Cavalcanti Diniz (1980), Fonseca seria um dos pilares da tradição musical no estado do Pernambuco: “A História da Música em Pernambuco pode ser resumida em três capítulos: Luiz Alvares Pinto (Recife, 1719-1789), Euclides Fonseca (1854-1929) e Marlos Nobre, nascido no Recife em 1939.” (DINIZ, apud FONSECA, 1996, p.15).

Em sua autobiografia, redigida no de sua morte, 1929, Euclides Fonseca nos conta que fora convidado a prosseguir seus estudos de piano na Alemanha, mas recusou, receando “tornar-se ingrato” ao seu país natal e distanciar-se de seus familiares. Ainda, nos revela o compositor que foi por essa mesma razão que deixou de abraçar iguais convites dos “saudosos amigos”, os compositores Carlos Gomes e Alberto Nepomuceno³.

Sua obra abrange formações diversas, nas quais podemos encontrar peças para piano solo, canções de câmara, composições orquestrais, óperas e operetas. Desses últimos gêneros citados, localizamos os seguintes títulos: *Leonor*⁴, *Il Maledetto*, *A Princesa do Catete*, objeto de estudo deste trabalho, e *As Donzelas d'Honor*⁵.

Pelas buscas realizadas em plataformas públicas digitais, em acervos públicos e privados, além da literatura sobre a história da música no Brasil disponível atualmente, aferimos que as décadas de 1870 a 1890 marcam o maior volume de sua produção musical. Assim, encontramos numerosos registros de suas participações como pianista em obras próprias e de outrem no Teatro Santa Isabel, em Pernambuco, onde exercia também as

funções de administrador, diretor musical e regente da orquestra, funções essas que assumiu até o período de seu falecimento. (SILVA, 2006, p.216).

Na Figura 1, a seguir, podemos visualizar uma das poucas fotografias do compositor já em sua maturidade:



Figura 1 – Raro registro fotográfico do compositor Euclides de Aquino Fonseca. S.d.⁶

O texto da opereta *A Princesa do Catete* é de autoria do recifense Joaquim Maria Carneiro Vilela (1846-1913), citado pela história como Carneiro Vilela, celebrado pela obra *A Emparedada da Rua Nova*, baseada em uma lenda urbana local, e autor de vasta obra que inclui romances, crônicas, comédias, artigos e poemas.

Pintor de cenários teatrais, político, juiz, jornalista e fundador da Academia Pernambucana de Letras, Carneiro Vilela, como muitos de sua época, acabou por transferir-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1880. Sua estadia naquela cidade, à época capital do país, durou cinco anos.

Longe de sua terra natal, sofreu influência da antiga corte ao abordar um tema inserido no ambiente carioca. Trata-se do texto da opereta cômica *A Princesa do Catete*, que

segundo Lucena Filho (2016, p.258), foi “encenada no Rio de Janeiro na década de 1880”⁷. Em nossa coleta de periódicos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁸, encontramos a seguinte informação no Diário de Pernambuco, em 17 de setembro de 1901: “o acadêmico Carneiro Vilella⁹ procede à leitura da sua composição dramática em 3 actos – a princeza do Cattete, – para a qual escreveu a música, o maestro pernambucano Euclides Fonseca.”.

Digno de nota é que nas mais de 1.600 ocorrências sobre o compositor, encontramos, inserida no Diário de Pernambuco, apenas uma menção à execução da abertura da opereta realizada por uma orquestra, em razão de um banquete oferecido pelo partido republicano do Estado do Pernambuco no ano de 1903.

A Figura 2, a seguir, nos mostra Carneiro Vilela em sua maturidade:



Figura 2 – Carneiro Vilela, dramaturgo recifense autor do texto da opereta *A Princesa do Catete*. S.d.¹⁰

Perdido no tempo, podemos supor que o texto de *A Princesa do Catete*, junto à música composta por Euclides Fonseca, nunca foi estreado. Não obstante, a partitura dessa opereta atesta o período no qual foi composta, revelando aspectos da urbanidade brasileira em fins do século XIX. Para o presente, além do reflexo estético de seus criadores, essa obra nos mostra outras características que podem garantir sua performance e aceitação, tanto como obra para palco quanto para vivência didática, rica que é em boa prosódia, além de escrita vocal bem organizada que permite a iniciantes na arte do canto lírico experimentarem a vivência de música ligeira em vernáculo para sua formação.

3. *A Princesa do Catete*, uma opereta esquecida da *Belle Époque* brasileira

Segundo Paulo Castagna (2003, p.16-17), durante o século XIX, foram compostos quarenta títulos entre óperas e operetas brasileiras, dentre as quais Fonseca foi um dos que mais produziu sobre o gênero, permanecendo detrás apenas de Carlos Gomes (1836-1896). Como inúmeras outras obras brasileiras do século XIX que ainda aguardam por resgates musicológicos que possibilitem um melhor mapeamento de nossa produção musical, a opereta *A Princesa do Catete* é raramente citada em livros sobre nossa história da música. Neste sentido, a plataforma digital da Hemeroteca Nacional tem contribuído para o esclarecimento acerca de parte da produção musical nacional registrada no passado por meio de periódicos em todo o território nacional.

Sua partitura manuscrita encontra-se localizada em Recife, Pernambuco, na Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, do Instituto Ricardo Brennand – IRB¹¹, que gentilmente nos cedeu acesso a esse material, a única cópia disponível até então, por meio do funcionário Wheldson Marques. A obra, sem data de composição, se apresenta com acompanhamento de piano com texto em vernáculo, e sua partitura nos mostra já em sua capa a grafia de nossa língua, até então com a forma antiga, *A Princesa do Catete*.

Até o momento, várias são as interrogações acerca de sua gênese, da recepção da estreia de seu texto, bem como de seu esquecimento durante o século XX. Podemos supor que a estética vigente no Brasil a partir da Semana de Arte Moderna, que acabou por nortear também nossa produção musical na busca por características musicais e poéticas, entre outras, que definissem nossa brasilidade, possa ter sido um oponente feroz ao ambiente musical proposto pelo compositor Euclides Fonseca ao criar melodias de inspiração puramente europeias. Podemos supor, ainda, que a falta de oportunidade em levar a obra aos palcos, considerando-se a escassez de recursos que tais montagens do gênero demandam, tenha sido o maior fator que nos levou a não detectar dados concretos quanto à sua estreia. Notamos que o texto criado por Carneiro Vilela pode ter chamado a atenção por parte do público à época, por ter abordado fatos reais, a saber, a presença de imigrantes chineses trabalhadores do plantio de chá e arroz no Brasil, entre outros. O enredo cômico criado pelo autor trata de temas em voga no Brasil da virada do século XIX para o século XX, como a febre amarela e a crítica à utilização desenfreada de injeções para cura de doenças, atingindo todas as classes sociais do Rio de Janeiro, inclusive as jovens e nobres princesas que disputam, na trama, o coração de

um príncipe, sempre sob o olhar de um jornalista manipulador, intencionado a se eleger deputado.

No Rio de Janeiro povoado por nobres, a opereta de Euclides Fonseca pode ser apreciada também como produto do tempo em que foi composta, como reflexo da passagem que conhecemos hoje como a *Belle Époque* brasileira, que cobriu o final do século XIX e pequena parte do início do século XX.

Alchorne (2014) cita a cidade de Recife, juntamente com Rio de Janeiro e Salvador, além dos estados do Amazonas e Pará (representantes do ciclo da borracha) e São Paulo e Minas Gerais (representantes da região cafeeira) como integradas ao período de cultura cosmopolita, com significativas mudanças na cultura, nas artes, na política e também na tecnologia do Brasil. Esse período, conhecido como a *Belle Époque* brasileira, a Era Dourada ou mesmo a *Belle Époque* Tropical, abarcou os anos de 1871 a 1922, ou seja, fins do Império até o acontecimento da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, mais especificamente no Teatro Municipal. No tocante às artes, por exemplo, nesse período o Brasil pôde contar com a inauguração do Teatro Amazonas (1896), do Teatro da Paz (1878), o Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1909) e também o Teatro Municipal de São Paulo (1911), entre outros edifícios do gênero.

As artes buscaram proximidade com ideais franceses e italianos, e a economia, modificada pela industrialização, garantia às classes dominantes uma sensação de conforto e segurança ao olharem para o futuro. Assim, a denominação *Belle Époque* (bela época) teve sua influência sobre a produção nacional em diversos setores. Em relação à produção musical, e especificamente à opereta de Euclides Fonseca, a bela época produziu também uma bela música. Notamos, antes de qualquer intenção musical em relação à escrita de seu libreto, que as linhas melódicas e construções harmônicas são bastante previsíveis, sobrepondo-se, desta maneira, a beleza da linha vocal e, conseqüentemente, a beleza dos timbres encontrados nessa obra. O ritmo eletrizante da vida social nessa época pode ser percebido nas figuras femininas de *A Princesa do Catete*, cujos reflexos de atitudes prenunciam conquistas do belo sexo consolidadas décadas depois. É nas artimanhas demonstradas pelas personagens femininas dessa obra que podemos identificar um suspiro em relação à igualdade e liberdade de sentimentos, por exemplo. Se no contexto histórico dessa opereta as mulheres não se vestiam com calças ou tinham direito ao voto, notamos um prelúdio de ambição pessoal, na busca por afetos que elas mesmas gostariam de escolher. Sob esta ótica, torna-se quase impossível não observar a opereta *A Princesa do Catete* como um atestado de seu próprio tempo.

Na Figura 3, a seguir, podemos visualizar um excerto da partitura autógrafa da opereta *A Princesa do Catete*, de Euclides Fonseca:

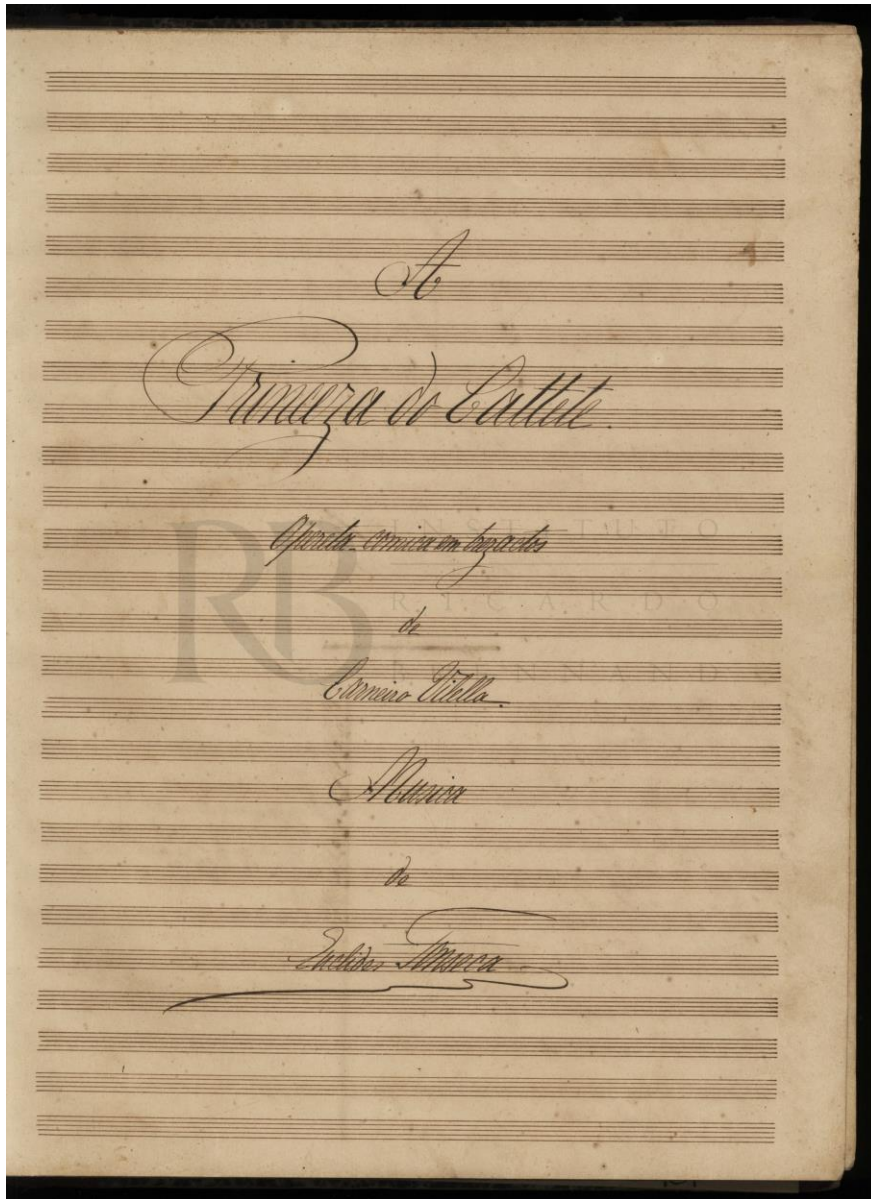


Figura 3 – Excerto do manuscrito da opereta *A Princesa do Catete*, sob guarda do Instituto Ricardo Brennand.

A distribuição de personagens de *A Princesa do Catete* segue a tradição operística europeia ao indicar a voz de tenor para o galã Príncipe Narciso, e a voz de barítono para personagens astuciosos, como o Doutor Vulcão, entre outras distribuições vocais. O papel do coro na ópera figura-se apenas como de apoio, com escrita de pouca dificuldade técnica no que diz respeito a ritmos e extensão vocal.

Digno de nota é a possível utilização dessa obra como material didático, defendida pelos autores deste trabalho a partir das seguintes características:

- Fácil execução por se tratar de uma obra escrita para voz e piano, caracterizando-se como uma opereta de câmara;
- Extensões vocais de fácil execução, tanto para solistas quanto para coristas;
- Apresentação do texto em vernáculo, o que facilita a memorização das partes cantadas. Ainda, dados históricos sobre locais e acontecimentos nacionais fazem com que a obra aproxime-se mais de estudantes/performers que reconhecem nela elementos da história de seu país;
- Pouca dificuldade rítmica e presença de gêneros musicais de fácil assimilação, como a valsa, por exemplo.

4. Conclusão

A partitura manuscrita da opereta *A Princesa do Catete*, única fonte localizada até o momento, integra hoje o acervo da Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, do Instituto Ricardo Brennand, situado em um edifício também conhecido como Castelo de Brennand, em Recife, capital de Pernambuco. A partir do acesso a esse material, os autores desenvolvem pesquisa no curso de Doutorado em Música, pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, cujos objetivos finais englobam estudos de análise e dados históricos envolvendo a opereta em questão, acrescidos de dados biográficos de seu compositor, do autor de seu texto literário e, ainda, uma edição, a primeira até então, da partitura, com enfoque em possíveis performances da obra.

Por fim, acreditamos, investigamos e advogamos para o resgate de uma obra cujas páginas refletem parte de nosso ambiente social presente na segunda metade do século XIX e início do XX, conhecida como a *Belle Époque* brasileira, além de suas características musicais influenciadas pela estética romântica europeia.

Referências

ALCHORNE, M. de A. PORTO DO RECIFE: D'ÁFRICA À DES'ÁFRICA. *Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre e Mário Sette sobre Raça e Urbanização, no Recife de Belle Époque*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v. 2, n. 20.

2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235559/28526>. Acesso em 20 jan. 2020.

CASTAGNA, Paulo. *André da Silva Gomes (1752-1844): memória, esquecimento e restauração*. Revista Digital de Música Sacra Brasileira, São Paulo, n.2, p.7-159, fev./abr. 2018. Disponível em: <https://archive.org/details/AndreDaSilvaGomesMemoriaEsquecimentoERestauracao>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CASTAGNA, Paulo. *A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional e a ópera no Brasil no Século XIX*. Apostila do Curso de História da Música Brasileira, Instituto de Artes da UNESP. Disponível em: https://www.academia.edu/1082742/A_Imperial_Academia_de_M%C3%BAsica_e_%C3%93pera_Nacional_ea_%C3%B3pera_no_Brasil_no_s%C3%A9culo_XIX. Acesso em: 14 set. 2019.

FONSECA, Euclides de Aquino. *A Princesa do Catete*, opereta cômica em três atos; vozes, piano e pequena banda. Partitura manuscrita. 167 p. Disponível em: Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, Instituto Ricardo Brennand – IRB, Recife, PE.

FONSECA, Zilda. *Euclides Fonseca, meio século de vida musical no Recife*. Recife: Editora Universitária, 1996. 594 p.

LUCENA FILHO, Márcio. *Carneiro Vilela: Língua de 'navalha' e pena de 'ponta de faca'*. Recife, 2016. 323 f. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MELLO, Guilherme Theodoro Pereira de. *A Música no Brasil: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República*. Bahia: Typographia de S. Joaquim, 1908.

OLIVEIRA, Patrícia Valadão Almeida de. *Ópera Tiradentes de Manoel Joaquim de Macedo Júnior (1845 - 1925): resgate histórico, análise e edição da partitura*. 942 p. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 2019. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/334994>. Acesso em: 30 set. 2019.

SANTOS, Mauro Camilo de Chantal. *A ceia dos cardeais, poema lírico em 1 ato, ópera de Arthur Iberê de Lemos: crítica e dados biográficos do compositor*. 221 p. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285300>. Acesso em: 24 ago. 2018.

SILVA, Arthur Orlando da. Reportagem do dia. *Diário de Pernambuco*, Recife, Pernambuco, ano 77, n. 22, p. 1, 17 de setembro de 1901. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_08&pasta=ano%20190&pesq=%22euclides%20fonseca%22%20CARNEIRO%20vilella. Acesso em: 26 mar. 2020.

SILVA, Arthur Orlando da. Actos e Factos. *Diário de Pernambuco*, Recife, Pernambuco, ano 79, n. 25, p. 1, 01 de fevereiro de 1903. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_08/4371?pesq=%22euclides%20fonseca%22. Acesso em: 26 mar. 2020.

SILVA, Saulo Moraes e. *Práticas musicais populares na Belle Époque Pernambucana*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, PE, 2016. Disponível em: <https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:CKVTOhj9aEgJ:scholar.google.com/>

[+Rep%C3%BAblica,+a+luz+el%C3%A9trica,+a+abund%C3%A2ncia+de+jornais,+a+inven%C3%A7%C3%A3o](#). Acesso em: 23 fev. 2020.

TAKAHAMA, Alexandre Machado. *Ópera "Sandro" de Murillo Furtado: estudo para uma direção musical e seu resgate histórico*. 2.v. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284041>. Acesso em: 03 out. 2019.

Notas

¹ Euclides Fonseca foi professor de composição de Alberto Nepomuceno (1864-1920) considerado por Vasco Mariz (1921-2017) como um dos principais compositores a difundir a canção de câmara em vernáculo no Brasil.

² Fundada em 14 de julho de 1945, por Heitor Villa-Lobos (1887-1959), a Academia Brasileira de Música - ABM segue os padrões da Academia Francesa. Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos, composta por personalidades de destaque no meio musical brasileiro nas áreas de composição musical, performance e musicologia. Desde 1947, por meio de Decreto federal, tornou-se órgão técnico-consultivo do Governo Federal.

³ A autobiografia de Euclides Fonseca encontra-se inserida no livro *Euclides Fonseca, meio século de vida musical no Recife* (FONSECA, 1996, p. 25-35).

⁴ A ópera *Leonor* teve sua primeira récita levada aos palcos em 2019, pela Academia de Ópera e Repertório e Sinfonietta UFPE.

⁵ Em seu manuscrito, *As Donzelas d'Honor* também possui o título alternativo de *O Duende da Noite*.

⁶ Fonte: http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=4417 (Acesso em: 24 fev. 2020).

⁷ Em sua pesquisa, Lucena Filho (2016, p.321) especifica o ano de 1883 como o de gênese da opereta *A Princesa do Catete*.

⁸ Essa plataforma pode ser acessada por meio do endereço <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Constitui-se na disponibilização de um considerável aglomerado de periódicos nacionais desde o início do século XIX, com mecanismos de buscas precisos e de fácil entendimento.

⁹ Em nossas fontes pesquisadas, encontramos variação ortográfica no nome do escritor Carneiro Vilela, como *Vilella* e, igualmente, no título de nossa opereta estudada, *A Princesa do Catete*, como *A Princeza do Cattete*. Optamos, portanto, pela grafia ortográfica vigente no corpo do texto desse artigo, exceto em transcrição da nota do Diário de Pernambuco, que preferimos deixar como o original.

¹⁰ Fonte: <https://www.thecities.com.br/artigo/Brasil/Cultura/Literatura/Naturalismo/1339/> (Acesso em: 19 ago. 2019).

¹¹ “O Instituto Ricardo Brennand é um espaço cultural sem fins lucrativos inaugurado em 2002, que salvaguarda um valioso acervo artístico e histórico originário da coleção particular do industrial pernambucano Ricardo Coimbra de Almeida Brennand.” Descrição retirada do site do próprio IRB em <http://www.institutoricardobrennand.org.br/index.php/oinstitu> (Acesso em: 15 out. 2019).